

**Análise socioeconômica dos produtores orgânicos no município de Mundo Novo/MS:****Estudo de caso**

Alisson Thiesen Biazussi<sup>1</sup>, Pedro Celso Soares da Silva<sup>2</sup>, Paulo Ricardo Lima<sup>3</sup>, Martios Ecco<sup>3</sup>  
e Jean Sérgio Rosset<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, Centro de Ciências Agrárias, Rua Pernambuco, 1777 – Caixa Postal: 91, CEP: 85960-000 – Marechal Cândido Rondon, PR.

<sup>2</sup>Pesquisador de Fitotecnia B do Instituto Agrônomo do Paraná, APE/Pato Branco - Fitotecnia –PCI  
PSA. Rodovia BR 158, Nº5517 SR. Bom Retiro. CEP: 85501-970 - Pato Branco, PR - Brasil - Caixa-postal: 510  
Telefone: (46) 32131140 Ramal: 208

<sup>3</sup>Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Programa de Pós-Graduação em Agronomia, Centro de Ciências Agrárias, Rua Pernambuco, 1777 – Caixa Postal: 91, CEP: 85960-000 – Marechal Cândido Rondon – PR.

alisson\_\_6@hotmail.com, pessagro@yahoo.com.br, paulorikardoo@hotmail.com,  
eccoagronomia@hotmail.com, jsrosset@hotmail.com

**Resumo:** O presente trabalho teve como objetivo analisar a real situação socioeconômica dos agricultores orgânicos no município de Mundo Novo/MS. A coleta de dados foi realizada através de entrevista com os agricultores em suas respectivas propriedades, pertinentes aos dados: idade dos produtores, tamanho das propriedades, escolaridade, número de produtores assentados, número de pessoas por propriedade, número de produtores que desempenham outras atividades econômicas, renda *per capita*, tipos de comercialização, principais culturas e o uso de barreiras de proteção. Com base nos dados, observou-se que a agricultura orgânica no município de Mundo Novo está no início, ou seja, em fase de convergência, caracterizada como agricultura de subsistência. Conclui-se que há uma grande necessidade de assistência técnica qualificada, incentivo do poder público, trabalhos de conscientização dos consumidores, e principalmente capacitação dos produtores orgânicos.

**Palavras-chave:** agricultura orgânica, convergência, subsistência.

***Socioeconomic analysis of organic producers in the city of New World-MS: Case study***

**Abstract:** The objective of this study was to analyze the real socioeconomic situation of organic farmers in the municipality of New World/MS. On organic farms were visited following variables: age of producers, size of property, education, number of producers setting, number of persons per property, number of producers who have other economic activities, income per capita, marketing types, main crops and use of protective barriers. Data collection was conducted through interviews with the farmers themselves in their respective properties. Based on data collected in this study, it was observed that organic farming in the city of New World is the beginning, ie at the stage of convergence, characterized as subsistence agriculture. We also conclude that there is a great need for qualified technical assistance, incentives from the government, jobs consumer awareness, training and mainly organic producers.

**Key words:** organic agriculture, convergence, subsistence.

## Introdução

A Terra já foi descrita como uma fonte inesgotável de recursos. Hoje ela é vista como uma “pequena espaço nave” com recursos limitados, exigindo usos eficientes, que maximizem o bem estar social e que busquem a sustentabilidade no longo prazo (Mazzoleni e Nogueira, 2006).

A procura de formas alternativas de produção agrícola tem sido acompanhada por controvérsias. Para alguns, agricultura orgânica é uma revolução, a exemplo do que foi a Revolução Verde; para outros é uma ficção de naturalistas inconsequentes. Há ainda posições intermediárias, ressaltando que o processo de transformação sustentável deverá ser paralelo à agricultura moderna (Bezerra e Veiga, 2000).

O sistema de agricultura convencional é considerado altamente dependente de insumos externos, como fertilizantes químicos e agrotóxicos (ADL *et al.*, 2011), que podem, quando utilizados de forma inadequada, provocar contaminação de solos, água e ar, além de causar resistência de pragas e aumento das emissões de gases de efeito estufa (GEE) (Tscharncke *et al.*, 2012). O impacto ambiental da agricultura moderna e o aumento do uso de recursos não renováveis têm levado muitos órgãos nacionais e internacionais a tomar várias iniciativas a fim de promover a adoção e expansão de técnicas agrícolas mais sustentáveis como a agroecologia e a agricultura orgânica (Bagiatis e Oxouzi, 2011).

A agricultura orgânica, assim como os demais sistemas agroecológicos, tem sido sugerida como um meio de mitigar os efeitos negativos da intensificação agrícola. Neste sistema não são utilizados agroquímicos ou fertilizantes inorgânicos, além disso, a criação de animais é integrada na gestão agrícola da propriedade orgânica, produzindo assim uma área de maior qualidade e produção em relação à áreas de cultivo intensivo (Winqvist *et al.*, 2012). A manutenção da cobertura permanente do solo, integração da adubação orgânica e verde, controle da erosão, manejo da fertilidade do solo, consequente equilíbrio nutricional das plantas, além do controle biológico de pragas, são outras práticas amplamente utilizadas nestes sistemas (Azadi *et al.*, 2011).

No último levantamento realizado pelo Institute of Organic Agriculture, em cooperação com a International Federation of Agriculture Movements, no trabalho intitulado “The world of organic agriculture – Statistics and Emerging Trends 2012 (Willer e Kilcher, 2012), no ano de 2012, cerca de 37,04 milhões de hectares de terras agrícolas foram destinados à produção orgânica. Neste cenário o Brasil ocupa quinta posição entre os países com maior área destinada à produção orgânica, apresentando cerca de 1,77 milhões de hectares destinados à essa atividade.

Produtores e consumidores têm se preocupado com a qualidade dos alimentos produzidos e consumidos, levando a criação de associações como a APOMS (Associação de Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul) no ano de 2000, com a missão de viabilizar a sustentabilidade da agricultura familiar por meio de processos agroecológicos. Após a criação da associação, e através de parcerias com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a Embrapa, começou a atuar na articulação das iniciativas de produção de base agroecológica nas diversas regiões do Estado, por entender que a organização em grupos produtivos é a melhor forma de avançar nas discussões dos problemas comuns.

A migração do processo produtivo tradicional para a agricultura orgânica exige dos produtores rurais mudança de hábitos, pois neste sistema os produtos são cultivados livres de agrotóxicos ou adubos químicos, evitando a contaminação dos alimentos e do meio ambiente, o que faz com que o produtor tenha uma maior dedicação, ao passo que oferece um retorno econômico superior, pois ocorre a comercialização de um produto diferenciado e com valor agregado.

Assim, enquanto a agricultura orgânica está se expandindo rapidamente, uma questão importante é compreender como essa atividade pode contribuir para um sistema sustentável de produção agrícola e para um bom negócio aos produtores (Azadi *et al.*, 2011) indicando a necessidade de estudos acerca do tema no meio rural. Com isso, objetivou-se neste estudo analisar a real situação socioeconômica dos produtores orgânicos no município de Mundo Novo/MS e traçar o perfil dos mesmos.

### **Material e Métodos**

O estudo teve como área de delimitação o município de Mundo Novo/MS. Tem como posição geográfica Latitude 23° 56' 17'' S e Longitude 54° 16' 15'' W, com altitude de 324 metros. Segundo dados do IBGE (2010), a cidade possui 17.043 habitantes, e uma área de 477.783 km<sup>2</sup>, com densidade demográfica de 35,67 hab/ km<sup>2</sup>, sendo que 89,6% da população reside na área urbana e 10,4% na área rural e conforme o censo agropecuário 2006 feito no município, o projeto de reforma agrária assentou 78 famílias em uma área de 1.068 hectares.

No presente estudo se usou abordagens qualitativas e quantitativas. A abordagem qualitativa pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamento (Oliveira, 1999 apud Oliveira, 2010). Como estratégia metodológica empregou-se o estudo de

caso múltiplo. O estudo de caso é uma estratégia metodológica do tipo exploratória, descritiva e interpretativa (Yin, 2005). No estudo de casos múltiplos a pesquisa utiliza mais de uma realidade para confrontar dados, visando buscar explicações e fundamentos para os fenômenos que caracterizam o objeto de estudo (Oliveira, 2010).

A pesquisa desenvolvida nesse estudo é classificada como descritiva, pois está interessada em descobrir e observar fenômenos procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los. Como instrumento de pesquisa foi utilizado a entrevista e como técnica de obtenção de informações empregou-se o questionário.

O trabalho de coleta de informações teve início em janeiro de 2012. Os dados foram coletados em 10 propriedades rurais do Assentamento Pedro Ramalho e dentro do perímetro urbano do município de Mundo Novo/MS. Os proprietários rurais visitados pertencem a ASPROM (Associação dos Produtores Orgânicos de Mundo Novo). Esse tipo de amostra segundo Oliveira (2010) é classificada como amostra não probabilística intencional onde pesquisador decide analisar um determinado fenômeno sem ter a preocupação de fazer generalizações em relação ao universo da pesquisa.

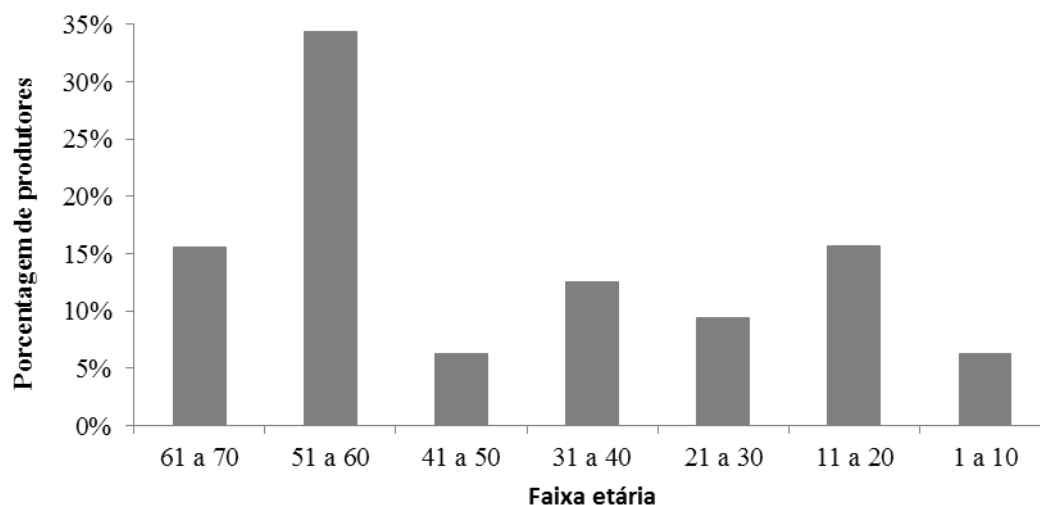
Nas propriedades rurais orgânicas visitadas foram estudadas as seguintes variáveis: idade dos produtores, tamanho das propriedades, escolaridade, número de produtores assentados, número de pessoas por propriedade, número de produtores que desempenham outras atividades econômicas, renda *per capita*, tipos de comercialização, principais culturas e o uso de barreiras de proteção.

A partir das informações obtidas, procedeu-se a discussão buscando facilitar a interpretação dos mesmos através de figuras, que exemplificam a situação dos produtores orgânicos do município.

### **Resultados e Discussão**

Por meio da Figura 1, verificou-se que existem pessoas de todas as faixas etárias nas propriedades entrevistadas, porém há uma maior concentração de produtores na faixa de 51 a 60 anos. Com base no Censo Demográfico 2010 do IBGE, em Mundo Novo/MS, a faixa etária predominante da população residente na área rural é de 40 à 59 anos. Números que preocupam o futuro da agricultura orgânica no município, já que estes provavelmente não poderão desempenhar trabalhos braçais por um longo período de tempo. Isso demonstra a importância no incentivo que se deve dar a esse tipo de atividade atualmente, principalmente por parte do governo, incentivando as famílias na atividade, pois a agricultura orgânica é

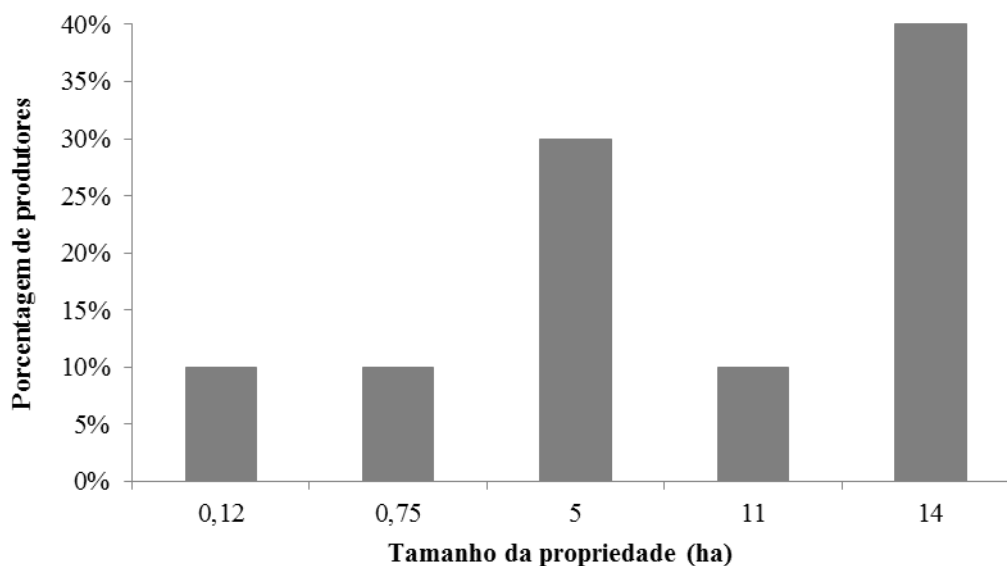
responsável pela geração de muitos empregos no campo, o que seria de suma importância para a manutenção da atividade no Estado de Mato Grosso do Sul.



**Figura 1** – Faixa-etária dos produtores orgânicos do município de Mundo Novo/MS, 2012.

De acordo com a tese de Darolt (2000), em um estudo com produtores orgânicos do Paraná, o agricultor responsável pela atividade agrícola tem sua idade distribuída de forma muito semelhante nos dois grupos estudados, apresentando uma média de 39,5 anos para os produtores em conversão e 40,3 anos para os certificados. Já os produtores orgânicos do município de Cajazeiras/PB apresentam em média 53,4 anos de idade (Vásquez, *et al.*, 2008). Miglioranza *et al.* (2006), observaram que grande maioria dos produtores de café em Londrina/PR que cultivam no sistema tradicional possuem idade média de 51 anos. No entanto, a média de idade do produtor orgânico é ligeiramente menor. Isso pode justificar a concepção de que é requerido um posicionamento inovador para mudança do tradicional sistema de produção.

O tamanho das propriedades orgânicas do município é representado na Figura 2. Verifica-se que as propriedades orgânicas do município são consideradas pequenas, de característica familiar, sendo de 5 e 14 ha os tamanhos predominantes. Isso se deve ao assentamento criado na cidade, onde foram concedidas essas propriedades. Conforme Assis (2006), os princípios teóricos da agroecologia se encaixam mais facilmente a propriedades de caráter familiar, devido a esses sistemas possuírem estruturas de produção diversificadas e com um nível de complexidade desejado. Essa é uma característica da agricultura orgânica e suas variações dentro da agroecologia, porém mesmo em pequenas áreas, a geração de empregos é maior devido ao intenso trabalho nas práticas agrícolas deste tipo de sistema.



**Figura 2** – Tamanho das propriedades orgânicas do município de Mundo Novo/MS, 2012.

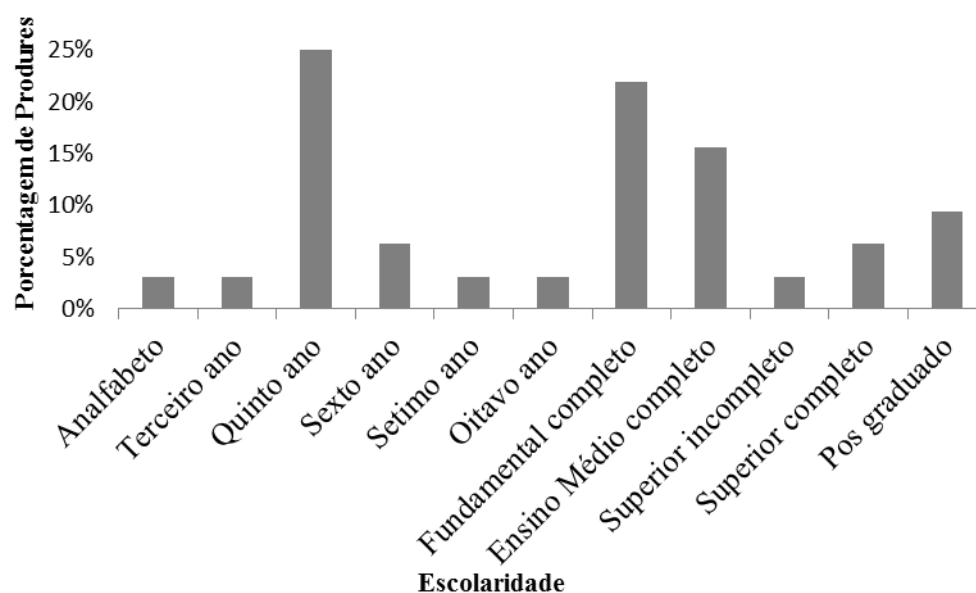
A maior concentração de entrevistados por Miglioranza *et al.* (2006) que produzem café no sistema tradicional (44%), fazem o cultivo em propriedades menores que 10 hectares. Em contrapartida, a maioria dos produtores de café orgânico (cerca de 55%) possui propriedades entre 10 e 19,9 hectares.

A escolaridade dos produtores orgânicos do município de Mundo Novo é apresentada na Figura 3. Verifica-se que existem produtores com os mais diversos graus de escolaridade, porém há uma predominância de produtores com o quinto ano do ensino fundamental completo, fato decorrente de que boa parte dos produtores apresenta idade avançada, e antigamente não priorizava-se muito a educação. Esse resultado também foi obtido em um estudo na região metropolitana de Curitiba, onde o grau de escolaridade com maior expressão foi à quarta série primária, atual quinto ano do ensino fundamental (Mazzoleni e Nogueira, 2006).

No município de Cajazeiras/PB a escolaridade dos produtores orgânicos, em sua maioria (67%), possuem apenas o ensino fundamental incompleto (Vásquez *et al.*, 2008) assim como na pesquisa de Oltramari *et al.* (2002) realizada em Santa Catarina, constataram que o nível médio de escolaridade dos agricultores pesquisado é o ensino fundamental incompleto (68,16%).

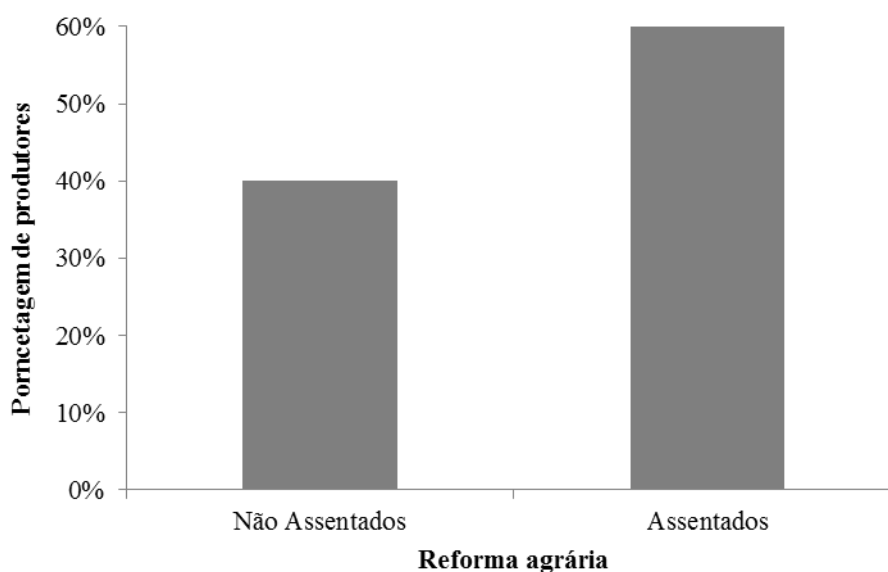
Segundo Miglioranza *et al.* (2006), a escolaridade dos produtores de café orgânico é sensivelmente melhor que a dos produtores de café tradicional. Cerca de 18% dos produtores de café orgânico e apenas 3,7% dos produtores de café tradicional frequentaram o Ensino Superior. Entretanto, há que se ressaltar que os dados evidenciam a falta de escolaridade no

campo, sendo que 63,16%, em média, frequentaram o ensino fundamental, ou nem chegaram a concluí-lo.



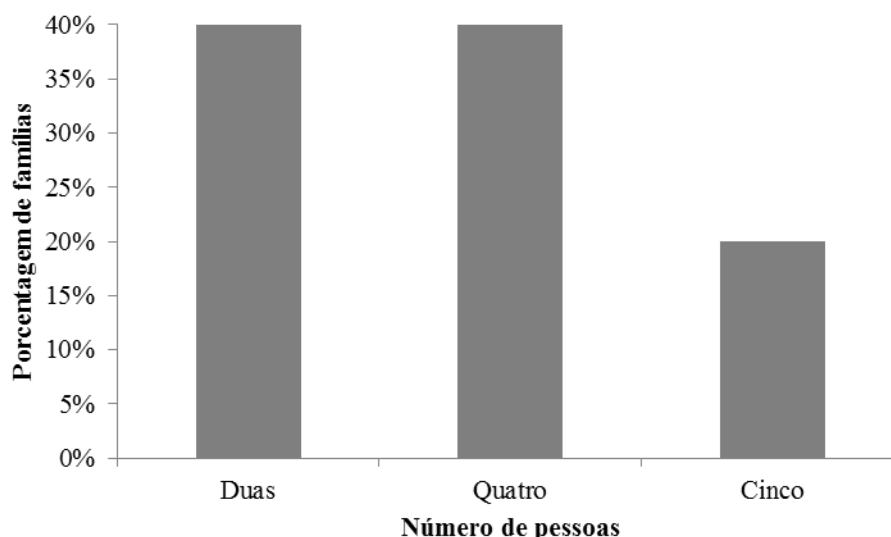
**Figura 3** – Escolaridade dos produtores orgânicos do município de Mundo Novo/MS, 2012.

Na figura 4, é possível observar a importância do projeto de Reforma Agrária para o município, pois 60% dos produtores entrevistados foram beneficiados por esse projeto. Como retro mencionado, 78 famílias fazem parte do assentamento, e com esse estudo é possível relatar que 6 destas famílias trabalham com orgânicos, o que significa que 7,7% dos produtores assentados.



**Figura 4** – Relação entre produtores assentados e não assentados pela Reforma Agrária no município de Mundo Novo/MS, 2012.

Com base na Figura 5, conclui-se que o futuro dessas famílias dentro da agricultura orgânica corre riscos, pois há poucos membros que realmente residem e trabalham na propriedade. No entanto, não só a agricultura orgânica, como também a agricultura familiar em geral, pois, segundo dados do DIEESE, NEAD MDA, (2011) demonstram que em média, 3,5 pessoas residem por domicílio no meio rural no Brasil, sendo que esse número é ainda menor (3,1) se considerarmos apenas a média da região centro-oeste do país.

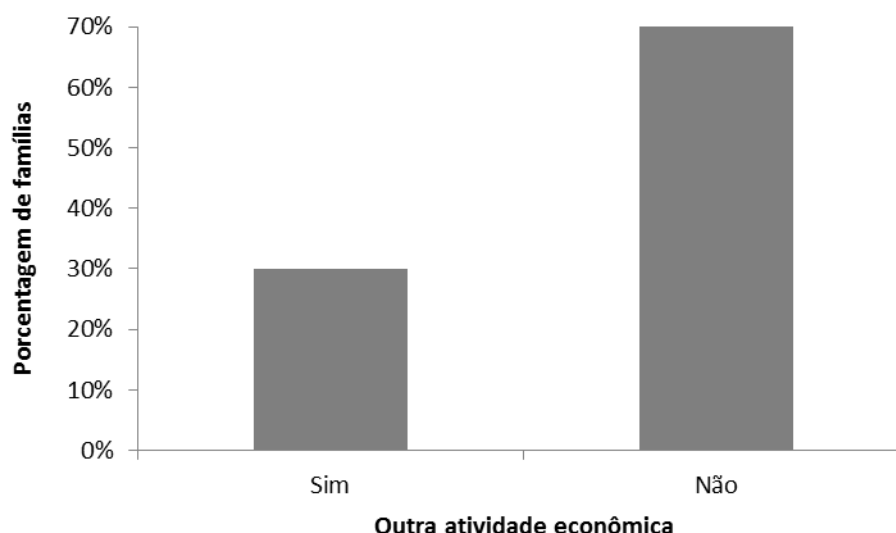


**Figura 5** – Número de pessoas por propriedade orgânica no município de Mundo Novo/MS, 2012.

Segundo Vásquez *et al.* (2008) no município de Cajazeira/PB as famílias são compostas, em media, por 6 filhos, compondo em média 6 pessoas por família. Do total de pessoas pesquisadas 67% nunca desenvolveram outra atividade além da agricultura. Já no estudo de Mazzoleni *et al.* (2006), as médias são de 4,3 pessoas por família para os produtores em certificação e 4,5 pessoas por família certificadas.

Conforme dados da Figura 6, podemos verificar que três famílias das 10 entrevistadas, apresentam a agricultura orgânica como renda secundária, ou seja, não vivem do que produzem, pois também desempenham outros trabalhos na cidade, alguns são comerciantes e outros são professores. Esses dados demonstram a falta de incentivo a essas famílias, pois somente com o trabalho no campo não é possível sobreviver da agricultura orgânica, fazendo com que os membros das famílias tenham que ter outras ocupações empregatícias para manter o sustento de suas famílias.



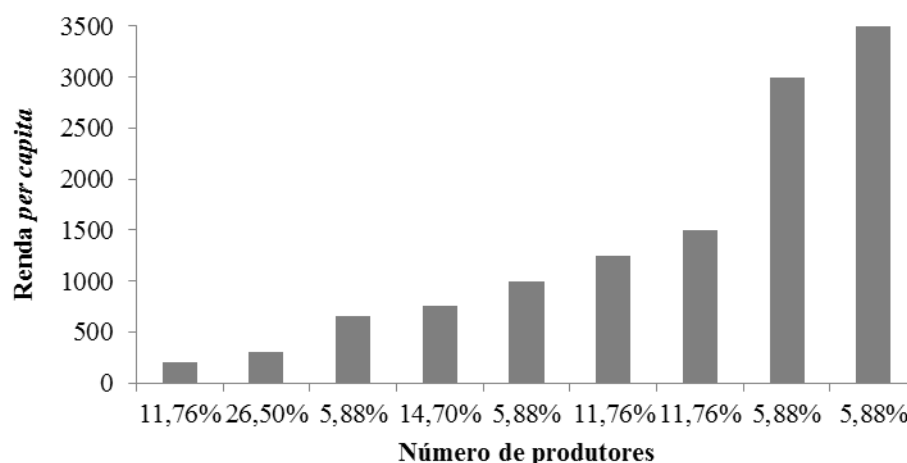


**Figura 6** – Número de famílias orgânicas que desempenham outras atividades econômicas no município de Mundo Novo/MS, 2012.

Os dados deste trabalho, corroboram com os de Vásquez *et al.* (2008), no qual verificaram que 33% dos produtores orgânicos já desempenharam outro tipo de profissão e ainda continuam desenvolvendo atividades paralelas a profissão de agricultor. Estes dados diferem dos encontrados por Mazzoleni e Nogueira (2006) que, em seu trabalho, constataram que 56% dos agricultores pesquisados já desenvolveram outra atividade não agrícola.

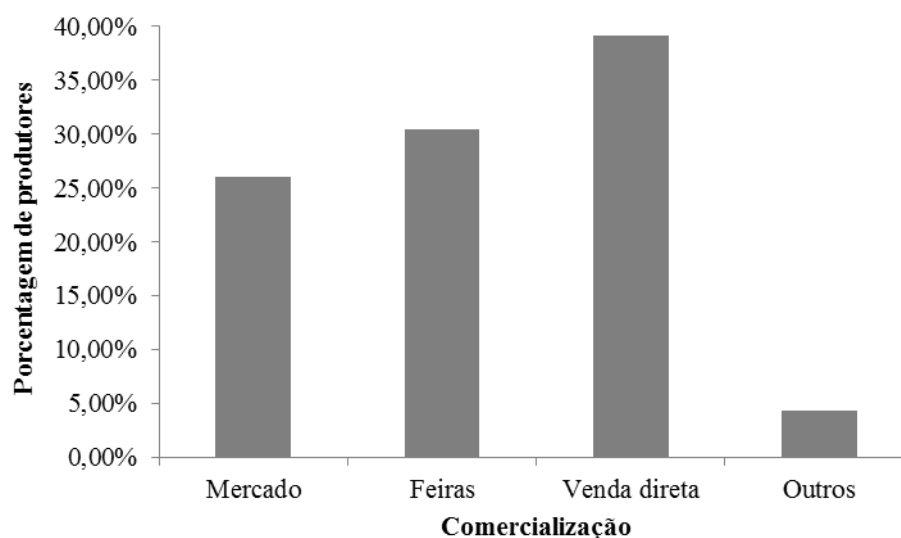
Na Figura 7, verificou-se que há uma diversidade muito grande na renda *per capita* dos produtores entrevistados, porém os quatro produtores que ganham acima de três mil reais são aqueles que possuem outras profissões na cidade. Já os demais produtores apresentam renda bastante inferior, caracterizando um sistema de agricultura de subsistência. Do ponto de vista social, a agricultura orgânica surge como uma oportunidade para a geração de emprego em comunidades locais, visto que essa atividade requer um maior acompanhamento e mão-de-obra (Morgera *et al.*, 2012).

A renda mensal das famílias de Cajazeiras/PB fica na faixa de R\$ 380,00 a R\$ 500,00 segundo 67% das famílias entrevistadas. Um fato preocupante é que, 89% dos pesquisados responderam que a renda é insuficiente para o sustento da família, fazendo-se necessário que outros membros da família recorram a outras formas de trabalho para o sustento da família (Vásquez, *et al.*, 2008). Segundo Macedo (2006) a renda média dos produtores orgânicos de Vassouras-RJ chega em média a R\$ 1200,00.



**Figura 7** – Renda *per capita* mensal das pessoas que trabalham e/ou moram nas propriedades orgânicas do município de Mundo Novo/MS, 2012.

Observando a Figura 8, pode-se notar que existem 3 tipos principais de comercialização (mercados, feiras e a venda direta) sendo a venda direta a mais utilizada pelos produtores deste estudo. Na categoria “outros” só teve um produtor, que possui um restaurante, e a sua produção vai toda para a cozinha do mesmo. Um dos maiores desafios para esses produtores orgânicos é ter uma constância de produção, principalmente para abastecer os mercados do município. Isso se consegue através de uma maior capacitação dos mesmos através de cursos de gerenciamento de suas propriedades, métodos de comercialização, além de aumentar a assistência técnica a esses produtores.



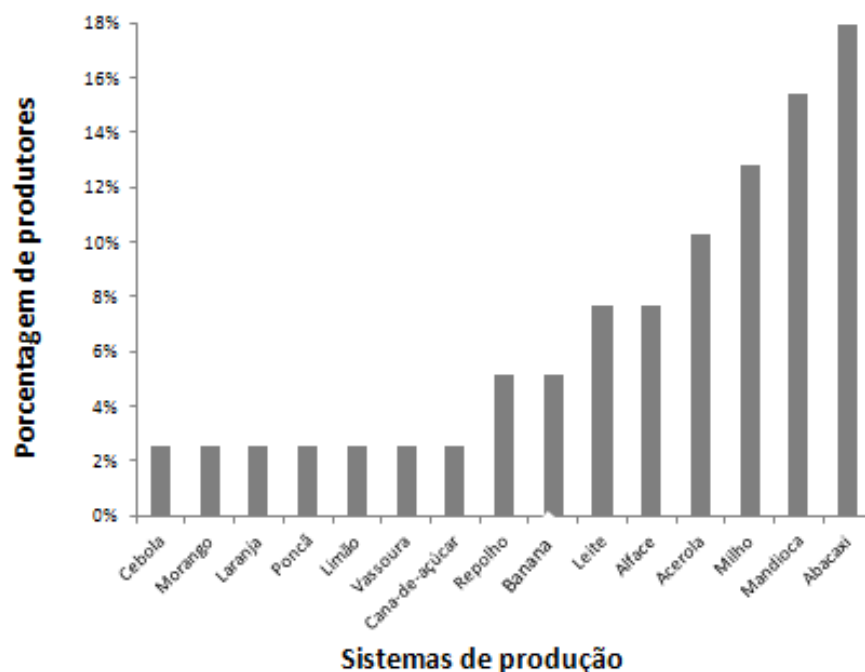
**Figura 8** – Tipos de comercialização dos produtos orgânicos no município de Mundo Novo/MS, 2012.

Em relação à comercialização dos produtos orgânicos produzidos em Cajazeiras é realizada pelos próprios produtores de forma direta (Vásquez *et al.* 2008), mesmo assim, para 44% dos produtores orgânicos, consideram os valores insuficientes para cobrir os gastos oriundos da produção.

Com base na Figura 9, observa-se que há uma grande diversidade na produção de produtos orgânicos, fato característico em propriedades pequenas. Nota-se que a cultura mais cultivada é o abacaxi, fato decorrente da ação da CPT (Comissão Pastoral da Terra), que concedeu 3000 mil mudas para 6 dos produtores entrevistados, com a condição de que eles após a primeira produção, devolvessem 1500 mudas a CPT, para que outros produtores possam ser beneficiados. Porém, após uma reunião realizada em março deste ano, foi acordado que os próprios produtores podem escolher os futuros beneficiados do projeto. Através desta figura, pode-se observar a importância da agricultura orgânica para o município, principalmente pela diversidade de produtos orgânicos produzidos.

Segundo Graziano *et al.* (2009), dos 1565 itens levantados na produção orgânica no Brasil, 34% é representada por frutas, 26% por produtos industrializados, 17% por grãos, 12% em outros e 6% em legumes. No estudo de Vásquez *et al.* (2008), dentre os produtos mais cultivados destacou-se as hortaliças, os legumes e a produção de mel. Freitas *et al.*, (2004) indica que a produção de mel é uma atividade rentável, podendo proporcionar bons níveis de lucratividade, com baixos custos de produção.

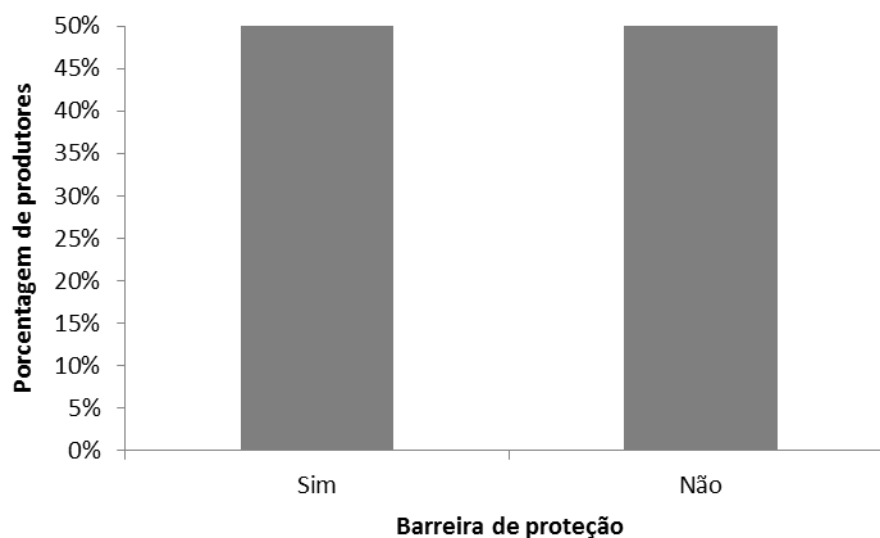
Devido principalmente à diversificação de espécies e técnicas de manejo, aliados à melhoria das condições de fertilidade do solo, esses sistemas apresentam uma baixa emissão de carbono (C) e nitrogênio (N) na atmosfera, principalmente pelo melhor aproveitamento destes elementos no sistema. Em solos sob sistemas orgânicos, a dependência da fixação biológica de nitrogênio pelas leguminosas, e as quantidades relativamente altas de matéria orgânica, podem regular a disponibilidade de N e C no solo que seriam emitidos para a atmosfera (Azadi *et al.*, 2011; Morgera *et al.*, 2012). Isso é possível devido à manutenção da cobertura do solo, rotação de culturas, incremento de matéria orgânica e favorecimento das atividades biológicas do solo, aplicando neste ponto, o conceito chave da agricultura orgânica, a conservação do solo (Lynch, 2009).



**Figura 9** – Sistemas de produção dos produtores orgânicos no município de Mundo Novo/MS, 2012.

Na Figura 10 é possível verificar a porcentagem de produtores que utilizam a barreira de proteção em suas propriedades. Apenas 50% dos produtores entrevistados utilizam barreiras de proteção para as culturas. Fato que mostra que esses produtores ainda não estão aptos para conseguirem certificar seus produtos. Assunto este que foi discutido na sede da ASPROM (Associação dos Produtores Orgânicos de Mundo Novo), juntamente com um representante da APOMS (Associação dos Produtores Orgânicos do Mato Grosso do Sul), já que nenhum produtor do município dispõe de certificação dos produtos, ou seja, todos estão em fase de conversão.

Com isso, a agroecologia e todos os seus sistemas agroecológicos, como a agricultura orgânica, torna-se uma alternativa para a produção sustentável, que proporciona além da preservação ambiental, uma mudança na relação homem-natureza. A adoção de práticas agroecológicas, permite o desenvolvimento de uma agricultura ambientalmente consciente e, com isso, produtiva, econômica e socialmente viável (Barboza *et al.*, 2012).



**Figura 10** – Número de produtores orgânicos que possuem barreiras de proteção no município de Mundo Novo/MS, 2012.

A transição do modelo atual de agricultura intensiva, por modelos menos impactantes ao meio ambiente deve ocorrer de maneira gradativa nas propriedades rurais, visando o estabelecimento aos poucos do novo modelo de agricultura, trazendo benefícios econômicos e ambientais para os produtores, além da produção de alimentos mais saudáveis e a geração de empregos no campo, para isso, devem iniciar novas políticas agrárias com incentivos governamentais, incentivos a pesquisas, além do desenvolvimento e transferência de tecnologias eficientes, acessíveis e, acima de tudo, economicamente viáveis (IDEC, 2005; Kamiyama, 2011).

### Conclusões

A agricultura orgânica no município de Mundo Novo/MS está em fase de convergência, e se caracteriza como agricultura de subsistência.

A maioria das unidades de produção é gerenciada pelos donos que residem nos seus respectivos imóveis obtendo a comercialização dos produtos produzidos de forma direta, ou seja, sem atravessadores.

Existe uma enorme necessidade por parte dos produtores orgânicos de assistência técnica qualificada, incentivo do poder público, trabalhos de conscientização dos consumidores, e principalmente capacitação desses produtores orgânicos.

### Referências

ADL, S.; IRON, D.; KOLOKOLNIKOV, T. A threshold area ratio of organic to conventional agriculture causes recurrent pathogen outbreaks in organic agriculture. **Science of the Total Environment**, Amsterdam, v.409, p.2192–2197, 2011.

APOMS. Rede Agroecológica **APOMS – Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul**. Edições APOMS. Glória de Dourados-MS. 2010.

ASSIS, R.L. de. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia. **Econ. Apl.** Vol.10 no.1 Ribeirão Preto. 2006.

AZADI, H.; SCHOONBEEK, S.; MAHMOUDI, H.; DERUDDER, B.; DE MAEYER, P.; WITLOX, F. Organic agriculture and sustainable food production system: Main potentials. **Agriculture, Ecosystems and Environment**, Amsterdam, v. 144, p. 92-94, 2011.

BAGIATIS, V.K.; OXOUZI, E.T. The evolution of the relative position of 15 eu member states regarding organic agriculture. **Journal of Agricultural Sciences**, Toronto, v. 56, n. 2, p.133-143, 2011.

BARBOZA, L.G.A.; THOMÉ, H.V.; RATZ, R.J.; MORAES, A.J. Para além do discurso ambientalista: percepções, práticas e perspectivas da agricultura agroecológica. **Ambiência**, Guarapuava, v.8, n.2, p. 389-401, 2012.

BEZERRA, M.C.L.; VEIGA, J.E. (Coord.) **Agricultura Sustentável**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis; Consórcio Museu Emílio Goeldi, 2000.

DAROLT, M.R. **As Dimensões da Sustentabilidade**: Um estudo da agricultura orgânica na região metropolitana de Curitiba-PR. 2000. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná e Universidade de Paris VII, Curitiba.

**DIEESE; NEAD; MDA. Estatísticas do meio rural 2010-2011. 4. ed. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos; Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural; Ministério do Desenvolvimento Agrário. São Paulo, 2011. 292p.**

FREITAS, D.G.F.; KHAN, A.S.; SILVA, L.M.R. Nível tecnológico e rentabilidade de produção de mel de abelha (*AApts mellifera*) no Ceará. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, vol. 42, n. 1, Brasília, jan./Mar., 2004.

GRAZIANO, G.O.; PIZZINATTO, N.K.; DINIZ, M.A.; GRAZIANO, I.O. **Produtores e o perfil da oferta de produtos orgânicos no Brasil: um estudo exploratório**. SOBER, 47º Congresso. Porto Alegre, 21p. 2009.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA / Censo demográfico 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: janeiro de 2013.

IDEC. INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR. Consumo sustentável: Manual de educação. Brasília: Consumers International/MMA/MEC/IDEC, 2005. 160 p.

LYNCH, D. Environmental impacts of organic agriculture: A Canadian perspective. **Canadian Journal of Plant Science**, Ottawa, v. 89, p. 621-628, 2009.

KAMIYAMA, A. **Agricultura Sustentável**. Cadernos de Educação Ambiental, São Paulo (Estado). São Paulo: SMA, 2011. 75 p.

MACEDO, R. **Núcleo de Produtores Orgânicos no Rio é Modelo Nacional**. Publicado em: 14/11/2006. Disponível em: <http://r2consult.com/blog/?p=39> Acesso:16/01/2013.

MAZZOLENI, E.M.; NOGUEIRA, J.M. **Agricultura orgânica: características básicas do seu produtor**. RER, Rio de Janeiro, vol. 44, nº. 02, p. 263-293, 2006.

MIGLIORANZA, R.; MASSARUTTI, J.; MIGLIORANZA, E. **Perfil dos produtores de café orgânico e de café tradicional do município de Londrina – PR, Brasil**. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 5p. 2006. Disponível em: [http://www.sbicafe.ufv.br/bitstream/handle/10820/1928/179995\\_Art329f.pdf?sequence=1](http://www.sbicafe.ufv.br/bitstream/handle/10820/1928/179995_Art329f.pdf?sequence=1). Acesso: 15/01/2013.

MORGERA, E.; CARO, C.B.; DURÁN, G.M. Organic agriculture and the Law: environmental and social benefits of organic agriculture. **FAO Legislative Studies**, Rome, v. 107, p. 6-10, 2012.

OLIVEIRA, M.M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3ª edição. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2010. 232p.

OLTRAMARI, A.C.; ZOLDAN, P.; ALTMANN, R.. **Agricultura orgânica em Santa Catarina**. Florianópolis: Instituto Ceba, 2002. 55p.

TSCHARNTKE, T.; CLOUGH, Y.; WANGER, T.C.; JACKSON, L.; MOTZKE, I.; PERFECTO, I.; VANDERMEER, J.; WHITBREAD, A. Global food security, biodiversity conservation and the future of agricultural intensification. **Biological Conservation**, Amsterdam, v.151, p.53-59, 2012.

VÁSQUEZ, S.F.; BARROS, J.D. de S.; SILVA, M. de F.P. da. Agricultura orgânica: caracterização do seu produtor na cidade de Cajazeiras-PB. **Revista Verde** (Mossoró – RN – Brasil) v.3, n.2, p 87.-97 de janeiro/março de 2008.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ª ed. Tradução de Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2005.

WILLER, H.; KILCHER, L. **The world of organic agriculture: Statistics and emerging trends 2012**. BioFach, Nuremburg, 2012. 268p.

WINQVIST, C.; AHNSTRÖM, J.; BENGTTSSON, J. Effects of organic farming on biodiversity and ecosystem services: taking landscape complexity into account. **Annals of The New York Academy of Sciences**, New York, v. 1249, p. 191-203, 2012.